

7.02.07 – Sociologia / Outras Sociologias Específicas

## QUEM SÃO OS BIÓLOGOS DA UNICAMP? TRAJETÓRIAS ESCOLARES, ORIGEM SOCIAL E EXPECTATIVAS PROFISSIONAIS ENTRE FORMANDOS NOS CURSOS DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Cássio Pacheco<sup>1\*</sup>, Maurício Ernica<sup>2</sup>

1. Estudante de IC da Faculdade de Educação da UNICAMP

2. FE-UNICAMP – Departamento de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte / Orientador

### Resumo:

Estudantes universitários podem percorrer diferentes trajetórias a depender das escolhas que fazem ao longo de sua formação. Nesse trabalho, diferenças emergem ao investigarmos os percursos educacionais e históricos familiares dos alunos dos cursos de Ciências Biológicas da Unicamp, sugerindo que a escolha do curso tem influência de sua condição social.

A semelhança entre os currículos e disciplinas das duas modalidades existentes nessa instituição permite que transitem entre ambas e, especialmente, permite que continuem seus estudos na pós graduação, relativizando a forte segmentação social notada no início do curso.

De todo modo, enquanto alunos socialmente privilegiados concluem as disciplinas com facilidade e ensejam carreiras acadêmicas sem vislumbrar grandes desafios, aqueles que não recebem apoio emocional de suas famílias, se sustentam sozinhos ou respondem pela renda integral do lar enfrentam barreiras tão desafiadoras quanto o vestibular ao longo do curso.

**Palavras-chave:** Licenciatura, Biologia, Carreira

**Trabalho selecionado para a JNIC pela instituição:** UNICAMP

### Introdução:

A biologia é a ciência que estuda o meio ambiente e os seres vivos nele inseridos por meio do trabalho de vários profissionais como biólogos, geólogos, engenheiros florestais ou agrônomos. Aqui, discutirei a formação dos biólogos, cujas preocupações passam pela descrição e mediação de dilemas socioambientais.

Apesar de possuírem currículos semelhantes, as duas modalidades do curso de Ciências Biológicas (Bacharelado e Licenciatura) oferecidas pela UNICAMP para formar esses profissionais parecem ter alunos bem diferentes e opções de inserção profissional distintas. Considerando trabalhos que investigam expectativas entre biólogos em formação e as influências familiares na construção das trajetórias escolares dos filhos, buscamos descrever quais os ofícios pretendidos pelos formandos das modalidades acima citadas analisando seus perfis socioeconômicos e os entrevistando.

O curso de *Bacharelado e Licenciatura em Ciências Biológicas* da Unicamp é ministrado em período integral e tem uma das mais altas relações candidato/vaga do vestibular, sendo considerado um *curso de prestígio*, como Medicina ou Arquitetura e Urbanismo. Por sua vez, o curso de *Licenciatura Plena em Ciências Biológicas*, cujas aulas acontecem durante a noite, não é tão concorrido quanto o primeiro. Ambos possuem, no entanto, disciplinas e exigências curriculares quase idênticas.

Licenciandos que desejarem uma segunda habilitação como Bachareis podem se candidatar a uma prova de remanejamento interno ou solicitar o reingresso no curso diurno, que oferece, a cada ano, 5 vagas segundo critérios pré-estabelecidos.

Após a graduação, muitos optam por continuar os estudos e desenvolver uma tese de mestrado; outros seguem para a carreira docente e vão ministrar aulas no ensino básico. A imensa gama de possibilidades de

inserção profissional dos biólogos despertou o interesse em entender para qual desses campos estão orientados os alunos que se formam na Unicamp.

Tendo em vista a origem social e a trajetória escolar dos formandos em Ciências Biológicas desta universidade em 2015, investigamos a relação que os mesmos estabelecem entre seu curso superior e suas expectativas profissionais para avaliar como variam e quais são as diferentes pretensões de emprego dos estudantes das referidas modalidades, quais dificuldades enfrentam para concluir os estudos e como a estrutura curricular e organizacional dos cursos afetam suas trajetórias dentro da universidade.

### **Metodologia:**

A partir dos questionários socioeconômicos da Comissão Permanente para os Vestibulares da Unicamp (Comvest) aplicados aos alunos no ato da sua inscrição, selecionamos variáveis que nos indicassem a posição social dos estudantes e de suas famílias como ocupação e nível de formação dos responsáveis e avós bem como a renda média familiar, a participação do(a) filho(a) na vida econômica do lar e o tipo de escola que frequentaram durante o ensino básico.

Foram selecionados 24 sujeitos (15 do curso integral e 9 do noturno) a serem entrevistados dentre os 83 possíveis formandos do ano 2015, grupo que incluía ingressantes de 2009 a 2012. Com a seleção, buscamos assegurar que os escolhidos representassem o conjunto específico de alunos de cada modalidade do curso.

Após as entrevistas, os mesmos foram alocados em 8 grupos distintos segundo a similitude de suas trajetórias.

### **Resultados e Discussão:**

A avaliação dos questionários socioeconômicos torna evidente alguns padrões entre as modalidades que nos permitem propor a existência de uma grande influência da posição social das famílias na opção da modalidade desejada pelos ingressantes.

Grande parte dos alunos do curso noturno (Licenciatura Plena) é mais velha (48,1% ingressam após os 20 anos). Seus pais são menos escolarizados (39% possuem curso superior) e a renda familiar média é mais baixa (36,5% recebem até 5 salários mínimos mensais). A proporção de alunos oriundos de escolas públicas e privadas é semelhante (42,5% cursaram escolas públicas, enquanto 54,7% o fizeram nas privadas).

Os alunos do curso diurno (Bacharelado e Licenciatura Plena), por sua vez, são mais jovens (73,8% ingressam até os 19 anos), tem renda média mais alta (36% recebem mais de 15 salários mínimos mensais) e suas famílias são mais letradas (70,4% realizaram ensino superior). A quantidade de alunos vindos de escolas privadas é 4 vezes o número daqueles oriundos de escolas públicas, muitas destas sendo consideradas instituições modelo ou escolas técnicas. Ambos os cursos têm um terço homens e dois terços de mulheres, sendo que no noturno é comum encontrar mais negros ou pardos.

Partindo do perfil encontrado para cada modalidade, foram selecionados sujeitos que seguissem a proporção de cada uma das variáveis analisadas. Por exemplo: se há um terço de homens e dois terços de mulheres no curso noturno, para cada 9 entrevistados, 3 deveriam ser do sexo masculino e os outros 6 do sexo feminino. Após as entrevistas, os alunos foram reunidos em 8 grupos distintos segundo sua origem social, trajetória escolar e perspectiva profissional.

As estudantes dos grupos 1, 2 e 3 são brancas, na maioria mulheres solteiras, que entraram aos 17 ou 18 anos no curso integral sem nunca ter trabalhado. Suas famílias têm renda superior a 10 salários mínimos e podem sustentá-las confortavelmente. Seus maiores desafios na graduação são a manutenção de um alto coeficiente de rendimento que as permita obter bolsas de estudos e concorrer a programas de intercâmbio. Seus pais, que têm ensino superior, entendem que a universidade é uma porta de entrada para carreiras de prestígio, como a carreira acadêmica ou o trabalho técnico-científico. Graças a esse apoio, algumas alunas esperam trabalhar como pesquisadoras (Grupo 01 – 4 pessoas) ou em empresas privadas (Grupo 02 – 1 pessoa). Aquelas que se orientam para a docência em ensino básico (Grupo 03 – 3 pessoas) reportam já terem se frustrado com a academia em experiências na iniciação científica, mas creem que o título de pós-graduação as dêem melhores condições de competir por um emprego no futuro.

Os alunos dos Grupos 04 e 05 são, na maioria, brancos vindos de escolas particulares ou públicas orientados para a pesquisa em biologia (Grupo 04 – 5 pessoas) ou trabalho docente (Grupo 05 – 4 pessoas). Ao menos um dos pais têm ensino superior, o que estreita a relação entre o núcleo

familiar e o vestibular, mas sua renda média, que varia entre 5 e 10 salários mínimos, faz com que estes passem a trabalhar para se manter estudando ou busquem bolsas de estudo institucionais.

Os Grupos 06, 07 e 08 têm alunos com renda inferior a 5 salários mínimos por mês. Eles trabalharam por algum tempo após concluírem o ensino médio para ajudar na renda familiar, adiando o curso para depois dos 20 anos de idade. Para ingressarem, recorrem a cursinhos populares que os ajudam na tarefa de retomar os estudos. Por serem pouco escolarizados, seus pais e avós não se identificam com a universidade e entendem que os alunos deveriam encontrar um emprego ao invés de estudarem, fazendo com que muitos mantenham o ofício durante parte do curso. Essa rotina se agrava entre aqueles que têm filhos, companheiros ou moram longe da universidade, o que não os impede de se dedicarem à pesquisa em educação concomitante à atividade docente (Grupo 06 – 1 pessoa) ou à carreira acadêmica em Biologia (Grupo 07 – 5 pessoas), a qual acreditam ser a melhor forma de ascenderem socialmente.

O aluno do Grupo 08 representa tantos outros que, como ele, concluem o curso superior para obter um diploma mas, ao fim da graduação, buscam outro ramo de trabalho não relacionado com sua formação.

### **Conclusões:**

Observando os questionários socioeconômicos, fica claro que há influência da classe social na escolha do curso. Ao longo das entrevistas emerge também como essa origem social afeta sua dedicação a modalidade escolhida, uma vez que precisam lidar com dilemas diversos, sobretudo os alunos do curso noturno.

A semelhança entre os currículos dos cursos e as possibilidades de transitarem entre as modalidades (reingresso e remanejamento interno) permitem que licenciados cursem o bacharelado e vice versa, reduzindo a discrepância social observada no momento do ingresso.

Entre as possíveis profissões desejadas pelos estudantes, a carreira acadêmica se mostra como o principal objetivo. Esta depende de estudos continuados na pós-graduação e oferece frutos incertos, se mostrando uma barreira ainda mais desafiadora que o vestibular para aqueles que precisam conciliar os estudos com o trabalho, o casamento ou o cuidado com os filhos, levando muitos a atuarem também na docência, que na visão dos

estudantes, tem inserção mais imediata no mercado de trabalho.

### **Referências bibliográficas**

ALMEIDA, Ana Maria F.; NOGUEIRA, Maria Alice. **A escolarização das elites: um panorama internacional da pesquisa**. Editora Vozes, 2002.

BIZZO, Nelio. Ciências biológicas. **BRASIL. Ministério da Educação. Orientações curriculares nacionais do ensino médio**. Brasília, DF: MEC, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Superior. **Padrões de Qualidade. Padrões do Curso de Ciências Biológicas**, 2010. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/padb\\_iol.pdf](http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/padb_iol.pdf) Acesso em: 30 nov. 2016.

DUARTE, Rosália. **Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo**. *Cadernos de pesquisa*, 2002, 115.1: 139-54.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. **Perfil profissional e mercado de trabalho: relação com a formação acadêmica pela perspectiva de estudantes universitários**. *Estudos de psicologia*, 2002, 7.2: 299-309.

OLIVEIRA, Isabella Bandeira, et al. **Avaliação das percepções e expectativas de bacharelados em biologia: perfil e regulamentação profissional**. *Estudos em Avaliação Educacional*, 2007, 18.36: 167-180.

PORTES, Écio Antonio. **O trabalho escolar das famílias populares**. *Petrópolis: Vozes*, 2000

VASCONCELOS, S. D. Re-estruturação do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UFPE. In: ENCONTRO PERSPECTIVAS DO ENSINO DE BIOLOGIA, 7. *Anais do...* São Paulo, 2000, p. 378-384.

VIANA, Maria José Braga. **Longevidade escolar em famílias de camadas populares: algumas condições de possibilidade**. 1998.

ZAGO, Nadir. **Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares**. *Revista brasileira de educação*, 2006, 11.32: 227.